

# **VASCO DA GAMA NA HISTÓRIA UNIVERSAL**

Discurso pronunciado na sessão solene da Sociedade de Geografia de Lisboa, celebrando o 4º Centenário da morte de Vasco da Gama, na noite de 25 de Janeiro de 1925.

SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA.  
ILUSTRES EMBAIXADORES E REPRESENTANTES  
DAS POTENCIAS AMIGAS  
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Em Abril de 1915, tinha eu a honra de pronunciar na sala da Academia das Ciências uma conferencia, intitulada «Da Utilidade da Tradição», preparatória do quarto centenário da morte de Afonso de Albuquerque, o qual recaía a 15 de Dezembro desse ano. Para exórdio do presente discurso, muito amavelmente provocado pela inalterável estima com que me honra o ilustre presidente da S.G.L., ocorre-me reeditar ideias ali expendidas, embora sob forma diversa, ideias de que julgo nunca ser ociosa a repetição, por deverem estar sempre presentes e vivas em corações portugueses.

A memória é o cimento indispensável da vida individual. O apregoado entimema cartesiano: «Eu penso, logo existo» poderia talvez ser mais intuitiva e estreitamente expresso pela fórmula: «Recordo-me, logo existo». Que seria a vida do homem, se a memória não estabelecesse constantemente a conexão dos seus actos sucessivos? Ela cingir-se-ia ao presente fugitivo, engolfando-se, sem um ténue rasto de luz, na treva insondável do Tempo. Passado, presente, futuro, ocas palavras essas, se acaso não se reflectisse no cérebro humano a continuidade e a correlação dos movimentos. E cada instante da existência fora como um grão de areia solto, incapaz de contribuir, pela agregação, ao levantamento do mais simples edifício.

Nem a conjuntura é adequada, nem a minha filosofia chega para desenvolver estes princípios, aliás axiomáticos. O meu propósito é applicá-los à vida colectiva. Porque idênticos fenómenos dominam o agrupamento de células, constitutivo do organismo humano, e os agrupamentos de homens, denominados nacionalidades. Em cada uma destas há um cérebro que dirige, um sangue que circula, uns músculos que trabalham. E mal dos povos em que não se conjugam estes três agentes inseparáveis da vida nacional, convergentes no mesmo esforço progressivo e tenaz, que se sintetiza na palavra «Civilização»!

Esse esforço, como sucede nos movimentos individuais, é a inteligência que o coordena. Mas improfícuo e inane fora o seu estímulo, baldada a tarefa dirigente das intelectualidades, se por acaso entorpecesse o capital, que é o sangue, e paralisasse o operário, que é o músculo. Impotentes seriam também estes últimos, quando lhes faltasse a acção coordenadora da inteligência.

Ora a memória é o atributo essencial para a coerência dos movimentos, cuja sucessão representa a vida. A trajectória do passado é que logicamente determina a directriz do futuro. Quando eu levanto o braço no intuito de colher um fruto apetitoso, é deplorável que a meio desse movimento me esqueça do meu propósito e fique com a mão agarrada ao tronco rugoso, em risco de esfolar a pele e deixar vazio o estômago. Quando na memória de um povo se obliteram os interesses nacionais e a sua missão no mundo, esse povo corre perigo de perecer de inanição.

É por isso, meus senhores, que nunca será inútil avivar a história, que é o repositório memorial dos povos, não com a ideia absurda de a repetir, mas com o intento de incitar as actividades numa linha lógica, consentânea à índole da raça, de estimular as gerações presentes com o exemplo das gerações pretéritas, de avigorar a força coesiva que se

contem na tradição, de fortificar, aos olhos de estranhos como ante a própria consciência, a dignidade nacional.

Não obedecem as comemorações históricas a um simples impulso de estéril vanglória. Veja-se neste culto da Tradição algo semelhante à chama perene no altar de Vesta, chama ardente que solda os corações dentro da Pátria e ilumina esta perante o mundo. Ela constitui a razão da existência das nacionalidades. Na aurora a cercam os nimbos da Lenda, ateiam-na mais tarde os sopros da Epopeia, mantém-na sempre vivaz o poderoso idealismo que congrega as massas humanas. Porque só o Idealismo é verdadeiramente fecundo nas lutas da Civilização. O próprio interesse material, invencível como o torna a nossa triste condição, não lograria impor-se às colectividades, se o não dourasse a luz do Ideal. Às sementeiras, que ele banha com seus raios benéficos, até as mais ruins paixões servem de adubo, como os lodos do Nilo que fertiliza o sol do Egipto.

Essa chama simbólica da Pátria, urge torná-la bem patente aos olhos da Humanidade. Dela deriva o respeito imposto à comunidade dos povos. E esse respeito é a garantia mais solene, se não sempre mais eficaz, da independência nacional. Nunca teria revivido a Grécia, estrangulada às mãos do Turco, se as grandes tradições da Antiguidade não houvessem aureolado o seu nome. A sombra, projectada por Canaris e Botzaris sobre solo helénico, desenhava aos olhos da Europa os contornos de Milcíades e de Leónidas. Missolonghi era a repercussão da Maratona. E a enorme voz de Homero despertava o ânimo de Byron, retumbando no clangor das trombetas guerreiras.

Foi isto há um século. Mas, se eu quisesse multiplicar os exemplos, em barda mos prodigalizariam as consequências recentes da Grande Guerra das Nações. Só a força bruta, bárbaro esteio do pretendido equilíbrio europeu, mantinha integro o manto de Arlequim que cingia o dorso dos Habsburgos. E a Áustria desmembrou-se aos clamores da vitória latina. Ressurgiu a Polónia, esquartejada por três colossos. A fatídica frase do heróico e desalentado Kosciusko, «Finis Poloniae», havia sido abafado pelas estrofes de Miskievicz e pelas melodias de Chopin. Ressurgiu a Boémia, reatando, após quatro séculos de cativo, os seus oito séculos de independência. Avigorou-se a Sérvia, que pela sua valorosa resistência honrara a refulgente memória de Obrenovitch. E, se a Hungria se esquivou ao aniquilamento, deve-o tanto à sua consistência nacional, como por ventura ao esplendor da sua história, ao reconhecimento da Cristandade, da qual, acaudilhada pelos corvinos, foi destemido baluarte contra as investidas avassaladoras do Islamismo.

Também nós o fomos. Vibraram-lhe um golpe formidável os nossos descobrimentos e conquistas no Oriente. E é esse um dos serviços que nos deve a Civilização Cristã, secundário embora em confronto com os transcendentos resultados da nossa missão histórica em prol da Ciência e da Humanidade.

Portugal – creio já o ter dito mais de uma vez – forçou os áditos da História, no dia em que, subjugando Ceuta, encetou o caminho da sua expansão através dos mares. Não emergira talvez da obscuridade dos povos sem história, se um génio potente não surgisse nos degraus do trono para o encaminhar na sua épica derrota. Foi a Índia que o Infante D. Henrique lhe apontou como alvo das suas luminosas singraduras. E foi após três quartos de século de incessantes trabalhos, em que, vencendo os terrores do Mistério, derramando o melhor do seu sangue, assinalando com o seu cunho indelével todo o litoral africano, se empenharam as energias da raça, que Vasco da Gama, o capitão afortunado, marcou o ponto de chegada.

Afortunado lhe chamo, menos pelas auras que o bafejassem durante a sua existência terrena do que pelo quinhão da glória póstuma que lhe coube em partilha. Não é este o momento de insistir sobre as relativas iniquidades dessa distribuição, assunto esse já por mim ventilado na conjuntura própria, por ocasião do 4º Centenário da sua famosa viagem de

descoberta. No dia de hoje é o seu nome que está juntamente em foco. E, quaisquer que sejam as reservas feitas ao exclusivismo da sua glória, impõe-nos o patriotismo que entibie as reivindicações da documentação histórica o esplendor da aureolo com que lhe nimbaram a nobre efigie.

O nome de Vasco da Gama representa, sobretudo para os estrangeiros, a síntese da epopeia marítima de Portugal. Foi ele o primeiro europeu que, por mares nunca de antes navegados, aportou à Índia. Mas assim como o seu nome, a Índia é neste caso um símbolo. As consequências da sua expedição apresentam-se nos muito mais transcendentais do que o simples traçado de uma nova rota pelo Atlântico e pelo Índico. É uma revolução completa no viver da Humanidade. É a abertura dos mares ao comércio universal. É a comunicação mútua das raças, que mal se conheciam de longe. É o início de uma nova fase da História, o derramamento da civilização Ocidental pelo globo inteiro, a sua penetração pelos ricos elementos das civilizações do Oriente, que vem engrandecê-la. É, numa escala colossalmente mais ampla, o epílogo da obra iniciada por Alexandre Magno e pelos conquistadores árabes. É a ciência da Terra que se revela aos homens, emersa como a loura Vénus do seio das ondas, varrendo o aluvião de mitos e abusões que enublavam os cérebros medievais. É a Indústria a enriquecer-se de novos processos, a Arte a insuflar-se de novas inspirações, a vida social a atufar-se em desusados confortos, a Beleza eterna a revestir novas formas. É, finalmente, a Era Moderna que alvorece, radiante de esplendor, no momento em que o mais alto veículo da Civilização, a Imprensa, lhe saúda o advento, à semelhança de um Chantecler que com seus cantos, nuncios da aurora, despertasse os ecos mais recônditos de Orbe.

Tudo isto simboliza a Índia, país de maravilhas, que atingiram os nautas portugueses. Essas maravilhas, com mão profusa as espalhou Portugal pela Humanidade. E, como a tradição simplista concentra numa personalidade o reconhecimento dos benefícios colectivos, foi Vasco da Gama o eleito para a consagração universal das energias da raça.

O seu nome prevalece, deslumbrante, na memória dos homens, desde que as fulgurações do Génio o cercaram de uma auréola imorredoura. Retumba nas estrofes de Camões, e todas as nações o escutam, embevecidas na música divina. E é graças, sobretudo, a esses dois nomes, consagrados como protótipos do nosso valor e do nosso génio, que a nacionalidade portuguesa vinca profundamente os cérebros do mundo inteiro.

Hoje, porém, meus senhores, não é como síntese abstracta, mas antes como individualidade concreta que a nós, portugueses, cumpre evocar a memória de Vasco da Gama. Quatro séculos decorreram desde que ele exalou o último suspiro. Acode-me ao espírito uma série de coincidências flagrantes que dão particular relevo ao grande acontecimento, se não para o estudo frio e metódico dos filósofos, decerto para o devaneio ardente dos poetas, porventura mais aptos a perscrutar os segredos do Destino e a desencantar das nuvens do Mistério as Leis dominantes da História.

Há nove anos – permitam-me o recorde de novo – celebrava-se, em sessão conjunta da Academia das ciências e a sociedade de Geografia de Lisboa, o centenário da morte de Afonso de Albuquerque, ocorrida em frente de Goa, a 15 de Dezembro de 1515. Hoje aqui achamos reunidos para comemorar, também no seu quarto centenário, a morte de Vasco da Gama, ocorrida na cidade de Cochim, no Malabar, no dia de Natal de 1524. Em menos de uma década, a gleba avermelhada do Indostão cevava-se nos corpos exânicos do primeiro europeu que nela tinha enxugado os pés da salsugem dos Oceanos. Ambos haviam sucumbido no teatro principal de suas glórias. O grande conquistador, agonizando no chapiteu na sua nau «Flor da Rosa», guardava nos olhos amortecidos a imagem de Goa, a sua estremecida metrópole. O grande Almirante, através das janelas do seu quarto

mortuário, podia aspirar, para o derradeiro anélito, as brisas que haviam enfunado as suas velas ao deslizarem sobre as ondas do Índico.

A ambos esses beneméritos da Pátria e da Humanidade havia ferido a Ingratidão do seu rei. Apressara, porventura, a morte de Albuquerque o último golpe, vibrado ao seu ao seu debilitado coração pelo decreto que lhe arrancava o governo da Índia para o entregar às mãos de um ferrenho inimigo. O Gama fora, como sempre, mais feliz. Relegando ao esquecimento durante vinte anos, chamara-o de novo à actividade o sucessor do rei venturoso, na mira de cauterizar as pústulas do nosso império oriental. Honrosa reabilitação, mas penoso encargo! E tão penoso que não pôde resistir-lhe o velho descobridor. A pouco mais de três meses da sua governança, sucumbia talvez à contenção das declinantes energias para fustigar os prevaricadores que desonravam a terra por ele desencantada. Mas, à hora suprema, sentia a bafejá-lo o reconhecimento do soberano, que o mesmo era a gratidão da Pátria. Ao passo que só amarguras destilavam nos lábios de Albuquerque, ressequidos pela febre, as últimas mensagens recebidas da metrópole. Carregado de merecidas honras, antevendo talvez as que lhe reservava a memória dos homens, morria o Gama em Cochim. A essas horas, ainda em redor dele, por toda a costa de Decan, porventura pelo Oriente inteiro ecoava, como de um semi-deus, o nome de Albuquerque. Mas, para este, a posteridade não devia exceder em muito a gratidão dos contemporâneos. Ao invés do que veio a suceder com a fama póstuma do seu grande émulo, a sua estaria sempre longe de atingir a sublimidade do seu génio.

É certo que, numa praça pública da cidade, em frente do Tejo, perto dessa afamada praia do Restelo, donde partiu a maioria dos grandes nautas portugueses, a figura erecta de Afonso de Albuquerque rememora às gerações os seus feitos excelsos. Mas esse monumento, circunscrito na sua modéstia às dimensões que permitia o legado de um devotado admirador, não sofre a mais ligeira comparação com o grandioso monumento que consagrou para os evos o nome de Vasco da Gama. A inteligências pouco esclarecidas poderá ser necessária a evocação deste nome pelo mármore ou pelo bronze, pelos primores da escultura ou pelos arrojos da arquitectura. Para os estranhos medianamente cultos, apregou-lhe de há muito a fama a «tuba canora e belicosa», que o estro de Camões fez clangorar pelo mundo.

Escolhendo-o para protagonista dos «Lusíadas», o poeta insuflou-lhe a vida perene com que o Génio privilegia as suas criações, ainda mesmo as que nascem exclusivamente da fantasia. A biografia real do herói é assim menos familiar à grande maioria dos estudiosos do que as aventuras imaginárias de D. Quixote ou de Ulisses. A figura perde, entre o halos da lenda, os contornos precisos da vida individual. Mas, em compensação, atinge proporções agigantadas, como tipo representativo de uma raça heróica e de um período relevante da história. Ei-lo que dialoga de mano a mano com deuses da Fábula e desafia Titans, irmãos de Prometeu. Ei-lo que revoluciona o Olimpo com a audácia desmedida de sua empresa. Ei-lo que perante bárbaros e representantes de civilizações esotéricas assume com firmeza o alto papel plenipotenciário, não de uma pequena nacionalidade perdida nos confins da Europa, mas de uma civilização milenária, que da luminosa bacia do Mediterrâneo irradiou para o orbe inteiro. Ei-lo que personifica orgulhosamente a Cristandade no que ela tem de mais santo, a Humanidade, no que ela tem de mais augusto.

Coincidência estranha, outra que ao nosso espírito se impôs assinalar! No mesmo ano em que termina a existência terrena do grande capitão, solta os primeiros vagidos a voz que devia engrandecer-lhe os feitos. Dir-se-ia que do longínquo Oriente a alma de Vasco da Gama, ao evoluar-se do leito mortuário, vinha bafejar o berço de Luís de Camões. O Génio parecia receber à nascença o mais poderoso alimento de sua inspiração. Como que se estabelecia uma continuidade de vida entre o herói e o vate que lhe daria a imortalidade. Misturadas às auras fagueiras que lhe traziam as Tágides, a boquita rosada do infantil poeta

sorvia as emanções exóticas que levantavam a milhares de léguas, na eurtmia de seus movimentos, as ninfas do Indo e do Ganges.

Quando, um quarto de século volvido, o grande poeta lírico calca as plagas adustas onde expirou o forte capitão, apraz-me crer que a alma deste, energética e dominadora, depois de ter obsidiado desde o berço o seu espírito irrequieto, o encaminha decididamente pela estrada majestosa da Epopeia. E então, crescendo em fulgor, ofusca a plêiade gloriosa dos antecessores que lhe haviam preparado o advento. É como o derradeiro astro caudal da Pequena Ursa, que prevalece sobre os outros, porque atinge o remate do eixo dos mundos, porque se dignifica com o título excelso Estrela Polar.

Assim também, as armas e varões assinalados, memórias gloriosas, obras valorosas, heróis em quem poder não teve morte, toda essa irradiação de glória amortece no deslumbramento da apoteose que cerca o nome do Gama. Se nem sequer avulta a memória do grande iniciador, que do promontório de Sagres vislumbra na oriental neblina a terra maravilhosa para onde aproa as suas caravelas, como avivarão no forte claridade uniforme os nomes de Gil Eanes, que afrontou o Mar Tenebroso, de Diogo Cão, que explorou o golfo da Guiné, e, acima de todos, o de Bartolomeu Dias, que penetrou no Oceano Índico? Ah! lágrimas vertidas no Penedo das Fontes pelo grande espoliado de glória que foi Bartolomeu Dias, soluços que na ilha de Santiago que abalam o rude arcabouço ao apartar-se do Gama em rota para a Índia sonhada, imprecações com que devia ter fulminado o Destino no momento em que as ondas do Tormentoso o tragavam! Não, trágicas recordações, não embaciareis de leve a fulgurante auréola do eleito do Génio. Para ele é que ressoa pelos páramos antárticos, horrenda e grossa, a fala de Adamastor. Em seus ouvidos se cõa a voz profética de Tétis, renunciando as façanhas que hão de acrescentar o esplendor da pátria. E, da mesma forma que, por ele evocados, surgiram na trama da epopeia os grandes vultos do pretérito, como premissas raras de que ele é a conclusão necessária, assim, à evocação da ninfa surge a brilhante teoria dos heróis do futuro, o grão Pacheco, o Aquiles Lusitano, Albuquerque Terrível, Castro Forte, tantos outros ilustres, que semelham reverbações da sua própria fama, a prolongá-la pelos tempos fora.

Porque nele consubstancia o poeta as máximas potências de raça. Porque é ele a quintessência do enérgico fermento que vai de levedar a Humanidade. E esse fermento é o génio irrequieto e nobremente ambicioso da última filha de Roma, beijada na fronte pelo Sol amoroso, osculada nos pés pelo Atlântico; génio que vão difundir pelo mundo, em gotas de sangue, em lampejos de gládio, em rutilâncias de palavra, os génios preclaros dessa ditosa pátria – os Lusíadas!

Mas uma derradeira coincidência, a mais singular de todas, parece consagrar para as almas místicas a missão do Vasco da Gama na Terra. A aurora que iluminou seus últimos momentos foi a mesma que anunciou o Natal de Cristo. Nem licito foi aos sinos de Cochim plangerem pela morte de herói, soltos como estavam em repiques de júbilo pela nascença de Deus. Misteriosa ordenação do Destino ou da Providência, que proibiu se celebrasse com lágrimas a entrada do grande descobridor na imortalidade da glória!

Dir-se-ia que o infantil Jesus folgava de acolher em seus bracinhos refegosos essa alma inquieta que tanto contribuíra para completar a sua obra de fraternização universal. A rota de Lisboa à Índia era como o prolongamento luminoso da palavra divina, que pregou o amor dos homens. A façanha de Vasco da Gama, rematando a empresa secular de um povo heróico, vinha suprir uma finalidade que as Cruzadas não haviam atingido. E ao Jesus menino – não me levem as almas devotas à conta de irreverência a conjectura – devera ser grata a aproximação do velho Buda, seu antecessor numa religião de caridade suprema.

No conflito eventual de religiões, vencido era Mafoma. Desde os meados do século XV que, acaudilhando hordas de janízaros, o profeta do Islão reincidia na sua investida contra o mundo ocidental. Tinham-lhe aguentado o temeroso embate os Húngaros, sob o

comando de Hunyade. Mas a fera otomana agachava-se, prestes a empolgar a presa. Criava novas forças, para vencer as resistências da Cristandade. Era preciso minguá-las, ferindo-a nos pontos vitais do organismo. Foi a esse talvez imprevisito propósito que conduziu o descobrimento da Índia. E Vasco da Gama pudera ainda em sua vida contemplar as consequências da sua proeza no teatro político do mundo. A acção portuguesa, sobretudo pelas mãos vigorosas de Albuquerque, colocava uma mordaza nas bocas do Mar Vermelho e do Golfo Pérsico, pelas quais o Islão tomava para as bandas do Oriente o seu forte anélito. Sangrara-o copiosamente em Diu, em Calecut, em Ormuz, em Goa. E, assim debilitado e extenuado, deixaria a Europa livre de seus assaltos. Livre por algum tempo, acrescentarei, porque, no mesmo instante em que Vasco da Gama cerrava os olhos, o Grão Sultão buscava aliados até na Cristandade para à custa dela prosseguir a conquista muçulmana.

Era um fluxo da velha maré asiática que se aprestava de novo para alargar a Europa. Sempre as suas arremetidas periódicas se exerceram, quando se lhe antolhavam fendas por onde se infiltrasse. Na Europa quinhentista, era a França de Francisco I que ia porventura proporcionar-lhe a entrada. Mas foi o César Carlos V que veio a detê-la.

Se incidentemente recordo este episódio da história, é porque me acode um paralelo na actualidade. Afigure-se-me que na extrema oriental da Europa espreita a Ásia favorável ensejo para a sua irrupção. Mas, á falta de um César, cabe ao maior império do mundo moderno o conjurar essa ameaça.

O génio português, mais alumiado pelo ideal científico do que instigado por cobiças mercantis, alongara os dois braços para abranger o orbe. Fora ele que conduzira Colombo às plagas misteriosas do Novo Mundo. Porque a aventura do navegador genovês não era mais do que um incidente inspirado na metódica epopeia, germinada no cérebro do Grande Infante. Para o Oriente é que a forte empolgadura se dirigia com mais segurança, e fora Vasco da Gama quem lográ-la aferrá-la no Malabar. E ainda o velho almirante tivera a dita, antes de morrer, de verificar a consumação do simbólico amplexo. Os dois braços tinha-os unido Fernão de Magalhães. Estava definitivamente contornado o planeta. Novas ciências iam surgir do conhecimento da Terra. E lá nas regiões boreais, Copérnico começava a formular o sistema dos mundos.

Já ia alto o sol dessa manhã, que Portugal, mais que outras nações, fizera raiar, quando iluminou os últimos momentos de Vasco da Gama. Já surgira no mundo, como supremo agente de transformações políticas, o poder naval, que a Antiguidade mal conhecera, apertado na estreiteza do Mediterrâneo. E dele derivava o moderno imperialismo, assente por Albuquerque em tão seguras bases, que a maior potência marítima do globo, a Grã Bretanha, não teve senão de seguir quase à risca os projectados delineamentos. E, paralelamente com a amplificação colossal do comércio, avigorava-se, estendendo os tentáculos aos mais ignotos rincões da Terra, uma força que, pouco aparente no mundo antigo, ia tomar um papel preponderante no drama da Civilização, o Capitalismo Bancário.

Assim, no espírito do navegador moribundo, caíam já deslumbrantes os raios desse sol que a sua mão desprendera nos céus. Descia ao túmulo com a certeza de que a sua passagem na vida terrena fora das mais fecundas de que reza a História. E devia já pressentir a póstuma recompensa que lhe destinava o seu excelso cantor, quando proclamava:

Porque dos feitos grandes, da ousadia  
Forte e famosa o mundo está guardando  
O prémio lá no fim bem merecido,  
Com fama grande, e nome alto e subido.

Duas figuras predominantes estanceiam no ádito da Idade Moderna, como a ensinar aos homens o caminho do futuro. Ambas personalizam dinastias de trabalhadores ou de heróis, cujas prolongadas fadigas vieram a traduzir-se; em suas mãos, num somatório glorioso. Os dois colossos, à semelhança dos Titans de Hesíodo, mas mais afortunados do que eles, roubaram dos céus a chama divina. Um deles, Guttenberg, veio iluminar o mundo intelectual. Outro, Vasco da Gama, revelou aos homens o mundo físico. São os agentes primordiais da mais profunda revolução social que se tem operado na Humanidade; só comparável àquela, oculta no mistério dos séculos, em que o troglodita, hirsuto e bronco, arrancou pela vez primeira de dois esgalhos secos a faísca viva e crepitante.

Assim também, no decurso da história, o mundo parece aclarar-se sempre que se acercam, como electricidades opostas, o Ocidente e o Oriente. O relâmpago fulge com Alexandre Magno, com os Césares romanos, com a conquista muçulmana, com as cruzadas. Mas desta vez não é lume efémero, é fogueira perene; não é relâmpago fugaz, mas claridade que perdura até nossos dias, e nunca mais se apagará. O inventor de Mogúncia deu asas ao pensamento humano; o navegador lusitano alargou a visão dos homens até abarcar o globo. E dessas fontes claras jorram os veios benéficos que desde então escachoam, dando alento à vida universal. Pode afirmar-se sem temeridade que todos os fenómenos sociais, todos os grandes factos da História, ocorridos para aquém do XV século, se filiam nas duas sublimes iniciações.

Deu rebate na consciência do mundo civilizado, posto que talvez um pouco tardiamente, a dívida de gratidão que com a nossa grei contraíra. Disso são testemunho evidente as homenagens prestadas pelas nações amigas à memória do homem que elas consideram o expoente máximo da raça lusíada. Agradecemos-las, não com descabido orgulho, mas com serena dignidade. Mostremo-nos dignos da prestigiosa herança que nos legou a História. Não desperdicemos em audácias estéreis as nossas nativas energias. Que elas continuam a enriquecer o tesouro comum da civilização, prova-o com exuberância um facto recente, cuja lembrança fará brotar de nossos olhos a única lágrima lícita nestes dias de glorificação. Evoco, um misto de pungente mágoa e de fervoroso entusiasmo, o nome dos dois excelsos aeronautas que traçaram no espaço, sobre as ondas de que Alvares Cabral havia sulcado, a luminosa rota aérea entre o Velho e o Novo Mundo.

São os elos de ouro, que prendem o Portugal desvalido, mas robusto e esperançoso, de hoje em dia, ao Portugal opulento e glorioso de há quatro séculos.